Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20015
Ensaios
Data de publicação: 27 de setembro

ENSAIO ABERTO SOBRE CONTEMPORANEIDADE, UNIVERSALIDADE E FORMA NA LITERATURA NEGRA: O CASO *ISAIAS CAMINHA*

JORGE AUGUSTO (UESB)
É poeta, editor e docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, integra os quadros permanente do PPGLITCULT e do PROFLETRAS, na UFBA. Ganhou o prêmio Jabuti acadêmico em 2025, mesmo ano que figurou entre os premiados pela Biblioteca Nacional, ambos com o livro Modernismo Negro.

RESUMO

Esse texto parte da constatação de uma das características centrais da obra de Lima Barreto, sua eterna contemporaneidade, normalmente atribuída a atualidade das relações sociais e raciais presentes em seus textos, mesmo eles tendo sido escritos no início do século XX. Junto a essa dimensão profética e ao mesmo tempo documental de sua literatura, propomos, de forma breve e tópica, considerarmos que os motivos pelos quais sua obra continua tão atual cem anos depois, pode ter relação com a universalidade da temática racial para a compreensão da subjetividade de qualquer pessoa, após a invenção da modernidade, como também pelas rasuras estéticas que o autor opera na forma romance, a partir da experiência negra dessa mesma modernidade. O debate feito aqui, em torno do texto barretiano, serve como metonímia para compreendermos dispositivos de recepção crítica destinados as obras negras, e imaginarmos outros modos de nos relacionar com esses textos, considerando, quando for o caso, suas dimensões estéticas disruptivas e a universalidade da experiência contida nas formas de suas experimentações.

Palavra-chave: Literatura negra; Lima Barreto; Crítica Literária

ABSTRACT

This text begins by acknowledging a central characteristic of Lima Barreto's work—its enduring contemporaneity—usually attributed to the ongoing relevance of the social and racial relations depicted in his writings, despite their having been penned in the early twentieth century. Alongside this simultaneously prophetic and documentary dimension of his literature, we briefly propose considering that the reasons his work remains so relevant a century later may lie in the universality of racial themes for understanding individual subjectivity in the wake of modernity, as well as in the aesthetic ruptures the author introduces into the novel form, grounded in the Black experience of that same modernity. The discussion presented here regarding Barreto's writing serves as a metonymy for understanding the mechanisms of critical reception applied to Black literature and for envisioning alternative ways of engaging with these texts—taking into account, where applicable, their disruptive aesthetic dimensions and the universality of the experience embodied in their experimental forms.

Keywords: Black literature; Lima Barreto; Literary criticismo

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20015
Ensaios
Data de publicação: 27 de setembro

I

Importantes historiadores e intelectuais como Nicolau Sevcenko e Lilia Schwarcz[1] expuseram a atualidade da obra de Lima Barreto. Esse apontamento é consenso entre pesquisadores de sua obra, todos destacando a espantosa vitalidade dos temas abordados pelo autor. Essa interpretação valeu aos seus escritos vários adjetivos que os caracteriza como documento relevante da história do Brasil, sobretudo, nos aspectos que se referem à passagem da monarquia a república; à condição de vida da população negra, ou à história da cidade do Rio de Janeiro. Entre os eixos dessa perene contemporaneidade estariam também abordagens sobre a corrupção endêmica de nossa política, as contradições sociais de pobres e negros, bem como a denúncia da imitação da cultura europeia como dispositivo de branqueamento. É vasto o leque de temas que transformam a obra de Lima Barreto em um índice remissivo do Brasil de agora.

Esse incontestável vigor da produção barretiana, porém, pode ser acrescido de outros dispositivos discursivos se os buscarmos ver a partir do campo literário. É comum escutarmos que aquelas obras definidas pela crítica literária tradicional como clássicas e/ou canônicas guardam uma característica comum entre si: são atemporais ou eternas, na medida em que abordam temas centrais da condição humana, os chamados "temas universais", inscrevendo-se num conjunto de textos que constroem, de alguma forma, a própria noção de humanidade. Assim, o amor em Shakespeare, a sociedade burguesa em Madame Bovary, a memória em Proust são exemplos do que constituem a cultura ocidental e nos formam enquanto pessoa e sociedade. Obras para as quais sempre teríamos que voltar para nos situar na história do que somos e na produção do nosso devir. O mesmo poderíamos dizer da metafísica em Guimarães Rosa, do existencialismo em Clarice Lispector ou da falência moral da elite burguesa em Machado de Assis.

Se considerarmos as transformações mais recentes no campo literário, sobretudo, aquelas que se engendraram após a emergência das vanguardas históricas e se solidificaram durante o século XX, vamos encontrar outro critério pelo qual se afirmam a longevidade e atualidade de uma obra, a saber: sua contribuição estética para a linguagem na qual se insere, ou seja, o dado novo trazido por aquela obra ou artista para o seu campo de expressão. Essa ideia implica não uma abolição do cânone tal qual existia, mas sua reorganização em novas bases epistêmicas e estéticas, que culmina com a reorientação de uma história da literatura. No cenário internacional essa proposição encontra um eixo central na ideia poundiana de "Paideuma", que chega ao Brasil pela interpretação dos poetas concretistas na metade do século passado, ganhando força no cenário artístico e na crítica brasileira.

1 SCHWARCZ, L. M. Lima Barreto: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
SEVCENKO, Nicolau. Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20015
Ensaios
Data de publicação: 27 de setembro

Em suma, o que ocorria era que os critérios de organização histórico da nossa literatura deixava de ser aquele que dominava a cena cultural até metade do século XX, ou seja, "o instinto de nacionalidade", proposto por Machado de Assis e levado ao seu mais alto desenvolvimento crítico e teórico com Antônio Candido, passava a ser aquele que nos conectava com as vanguardas do século XX, porque afinal, já éramos "modernos" e estávamos finalmente integrados ao coro da civilização ocidental. No primeiro caso, as obras eram mensuradas pela sua evolução em relação a produção de uma nacionalidade que resolvesse os problemas da dependência cultural e da identidade brasileira. Superada essa fase, na segunda proposição, a evolução era contabilizada na invenção das formas, em uma proposta crítica que "[...] olha de frente para as formas poéticas e procura divisar o vetor qualitativo de sua evolução"[2]. Ou seja, dialogar tensivamente com as formas da tradição reinventando seus modos de dizer, e questionando os limites de sua expressão eram os critérios que dariam à arte e seu artista, um lugar na eternidade, já que a invenção, a produção do novo o inseria automaticamente na genealogia que compunha a 'história' da evolução das formas.

Diante do exposto, a atualidade e longevidade de uma obra pode ser derivada de algumas características: abordar temas que se mantiveram centrais mesmo com a passagem do tempo, mostrando a dimensão antecipadora e contemporânea do autor; comunicando ao mundo grandes questões sobre os temas universais que atravessam a busca pelo sentido da vida; ou dando um passo à frente na evolução das formas, contribuindo com isso para o desenvolvimento da própria humanidade, por meio da arte. Nesse quadro esquemático e abreviado, mas suficiente para iniciarmos uma conversa sobre a dimensão disruptiva da obra de Lima Barreto e, mais especificamente, de seu romance "Recordações do Escrivão Isaias Caminha", compreendemos de início que quando no campo da crítica cultural brasileira refere-se à atualidade da literatura barretiana, e de obras de autoria negra em geral, esse argumento está mais frequentemente contido na esfera temática, não sendo comum relacioná-lo à abordagem de temas universais, nem à invenção formal. Na sequência desse texto tentaremos dar indícios de que as recordações de Isaias Caminha podem dialogar com as características de atualidade aqui expostas.

II

Mesmo tendo dito que é consenso a importância da perspectiva histórica e sociológica na compreensão da atualidade de "Recordações do Escrivão Isaias Caminha", como da obra de Lima Barreto como um todo, é preciso desenvolver alguns argumentos sobre ela, à medida que essa linha interpretativa tem grande relevância na recepção de sua obra no Brasil, e, sobretudo, porque aborda uma das linhas de força da literatura do autor, que é a denúncia das continuidades dos sistemas de opressão racial na sociedade brasileira no período pós-abolição, ajudando inclusive a compreender seus mecanismos de funcionamento.

2 PIGNATARI, Décio. CAMPOS, Augusto. CAMPOS, Haroldo. Teoria da poesia concreta. Cotia, São Paulo. Ateliê Editorial, 2006.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20015
Ensaios
Data de publicação: 27 de setembro

Na narrativa, um jovem negro emigra de sua cidade natal para trabalhar e doutorar-se na capital da república. No primeiro momento o leitor compreenderá seu movimento como corriqueiro desejo de ascensão social, porém há mais em jogo. A mobilidade expressa pelo personagem saindo da zona rural e indo para a cidade nos informa, além do desejo de trânsito entre as classes sociais, uma aspiração correlata, mas mais incisiva: a integração do negro na sociedade de classes e sua participação no processo de democratização, bem como na modernização levada a cabo pela República. Estava, pois, implícita na movimentação e no modo de sua execução, altivo, determinado e confiante, uma crença no liberalismo, na democracia e no projeto de modernidade que o Brasil passava a integrar precariamente naquele início de século.

Na consciência do personagem e nas manifestações de seu desejo de ascender socialmente não apareciam inicialmente os atravessamentos raciais, embora a raça estivesse modulando toda sua movimentação desde a despedida de sua mãe quando ele recebe o conselho "não se mostre muito meu filho, porque nós...", passando pelo episódio do balcão quando nota a diferença no atendimento a sua demanda e a de um jovem loiro, até chegar no episódio da delegacia quando chamado de "mulatinho" pelo delegado, não pode mais negar a si mesmo que a raça mediava sua integração à sociedade e regia os processos de subalternização pelos quais ele acessaria seus lugares nela.

Após a saída da delegacia, há uma espécie de virada narrativa na qual Isaias Caminha vai ganhando paulatinamente consciência de sua condição subalterna e confessa o que lhe desanimava: "eram as malhas de desdém, de escárnio, de condenação em que me via preso". A partir desse ponto duas coisas fundamentais acontecem: o rebaixamento do desejo de integração, passando a negociar consigo mesmo as condições de sua realização, pondo-se disponível a trabalhar com qualquer coisa para viabilizar o sonho de estudo; e segundo, o afastamento geográfico do centro da cidade[3] a partir do instante em que vai morar no subúrbio. O fato de no primeiro momento ele não ter conseguido emprego, mesmo aquele mais aquém de sua capacidade, como na cena em que o padeiro lhe nega o trabalho, é central na estruturação desses dois eventos. O que estava em jogo era compreender que não havia espaço para uma integração autônoma e altiva para a pessoa negra no projeto de modernidade brasileira e na sociedade de classes.

Isso é claramente exposto pelo romance em suas passagens, uma na saída do personagem de sua cidade natal, quando um arranjo entre seu tio e um político local engendrado em uma corriqueira estrutura de troca de favores, acordam uma carta que apresentava o jovem Isaias ao Doutor Castro, político na capital pedindo emprego e cuidados para o jovem Isaias. A outra ocorre na segunda fase da narrativa, quando já sem recursos nem esperanças que lhe mantivessem na cidade, ele é, por mais uma implícita troca de favores, apadrinhado por Leborant, diretor do jornal no qual, por esse arranjo havia virado continuo, passando depois a jornalista.

3 Aspecto sinalizado no importante estudo "O profeta e o escrivão: Estudo sobre Lima Barreto" de Carlos Erivany Fantinti", Hucitec, 1978.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20015
Ensaios
Data de publicação: 27 de setembro

Nessa altura da narrativa Isaias não passava mais nenhuma necessidade, tanto gozava de algum prestígio como jornalista, como frequentava os teatros e festas na companhia de Leborant, que além do seu salário como jornalista, ofertava ao recém-amigo sempre mais dinheiro, na clara materialização do apadrinhamento. Porém, apesar de alguma alegria e alívio pela vida menos atribulada essa integração controlada e subalterna soava ao protagonista como algo menor em relação ao que tinha desejado para si mesmo: "Desesperava-me o mal emprego do meus dias, a minha passividade, o abandono dos grandes ideais que alimentara[...] abatera-me diante da sociedade [...] sentia bem a desproporção entre o meu destino e meus primeiros desejos. Mas ia". Já no final do romance Isaias arremata: "Sentia-me sempre desgostoso por não ter tirado de mim nada de grande, de forte e ter consentido em ser um vulgar asseda e apaniguado de um outro qualquer. Tinha outros desgostos, mas esse era o principal".

Desse enredo que narra os processos de integração de Isaias Caminha, e por metonímia, do negro brasileiro à modernidade, derivamos dois efeitos de sentido que constituem, para nós alguns dos cernes do romance: uma crítica ao positivismo, sempre presente nas obras de Lima Barreto e, feita com maestria e por meio de uma sofisticada engenharia discursiva; e um processo de degradação ontológica que marca a integração da pessoa negra a esse projeto moderno. No primeiro caso, como sinalizo em outro texto[4], não devemos buscar uma crítica ao positivismo em um discurso direto, na obra de Lima Barreto, embora isso ocorra algumas vezes, como em "Cemitério dos Vivos", por meio do personagem Vicente Mascarenhas, o mais comum é que essa crítica esteja espalhada na estrutura mesmo da narrativa, como acontece nesse "Recordações do Escrivão Isaias Caminha".

Desde o início do romance o personagem é descrito a partir de suas grandes capacidades e méritos, no decorrer da trama seu crescente insucesso é cobrado aos deuses e a sociedade, e por fim, direto e ou indiretamente, aos racistas e preconceituosos, mas jamais a lógica positivista de pretensa e inerente inferioridade racial da pessoa negra. O desenrolar da narrativa não faz outra coisa, senão mostrar que toda dificuldade enfrentada pelo jovem Isaias é decorrente de fatores sociais, ele esteve sempre qualificado de modo a conseguir mesmo muito jovem decifrar as hipocrisias e os jogos sociais que o cercavam. O sucesso de alguns de seus ex-colegas de escola reconhecidamente medíocres, e o destaque social de figuras que não detinham nenhum destaque intelectual ou saber específico, exibe redundantemente ao leitor, que os determinismos raciais que protagonizavam a cena intelectual brasileira naquele início de século XX, quando o autor lança o romance, não passavam de racismo antinegro, que visava naquele período de solidificação do capitalismo entre nós, manter os espaços de poder e o dinheiro na mão da elite colonial/burguesa que geria nossa sociedade.

Essa contenção da mobilidade social e do desejo do personagem culminam em produzir um cenário de degradação ontológica no qual o sujeito negro afastado de si, e desconectado do seu desejo não pode produzir a si mesmo como sujeito, ficando restrito a significar-se apenas nos termos já dados pela

4 Augusto, Jorge. "Modernismo negro: a literatura de Lima Barreto". Salvador: Segundo Selo, 2024.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20015
Ensaios
Data de publicação: 27 de setembro

sua inserção controlada na estrutura social, não sendo permitido a ele nem transformá-la, nem transformar-se em outra coisa além de um negro. É nesses termos que se produz o que Mbembe chama de "Estado de raça", quando há uma "violência de tipo molecular [que] sutura e satura a relação servil". Não é outro o enredo narrado por Isaias adulto, senão o processo de violência ostensiva e cotidiana, que operando o racismo como uma "forma social" em todos os níveis da vida do personagem, impede que ele se constitua como sujeito, cidadão e integre de forma autônoma a sociedade de classes e a modernidade. É a esse processo que o personagem já adulto reitera diversas vezes quando ao invés de mostrar-se realizado com o que conseguiu socialmente, expressa uma pesada e constante frustração dizendo de várias formas sentir-se "muito diminuído de mim próprio".

Esse processo de degradação ontológica e afastamento de si, tem ainda um aspecto a destacar, que é sua função subterfúgica e sorrateira de branqueamento. Fantinati, chama atenção para o fato de que Isaias, em fase adiantada do romance, torna-se "no antípoda do que fora até então"[5]. Ilustra essa afirmativa com exemplos cabais nos quais o protagonista passa a adotar procedimentos que criticava nos jornalistas, que àquela altura eram seus colegas de trabalho. Copiava de um e de outro processos que tornavam seu trabalho mais fácil, fútil e viciado como o deles. O crítico conclui que essa postura assinala o rompimento do personagem com os compromissos estabelecidos anteriormente com os aliados e responsáveis pelo seu processo de socialização e manutenção, e a partir de então ele se expressa por uma "consciência nova, acomodada a uma convivência com os brancos, ricos e dominantes no meio urbano, que o consideram racialmente exceção".

Portanto, essa integração de Isaias na sociedade carioca, como uma exceção em nada altera a ordem racial posta, como ele pretendia fazer conseguindo o título de doutor. Há um discreto mais contundente e perverso processo de branqueamento implícito na integração do personagem: a adequação do seu desejo, o rebaixamento de seu orgulho próprio, a dissimulação de sua inteligência, a negociação do pertencimento aos grupos com os quais agora socializava. Essas concessões exigiram dele abandonar os hábitos antigos e reproduzir os modos e regras de sociabilidade as quais se opunha, domesticar a revolta e se calar diante tudo que havia se disposto a combater, em suma, todo esse processo de concessão e ajustamento para caber na esfera social que então galgara, tem seu paralelo, sua metáfora, seu funcionamento, na ideia tão corrente a época da publicação do romance, que era o branqueamento como forma de produzir a civilização e reproduzir os modos de ser da Europa colonizadora.

Os aspectos aqui descritos são fundamentais para conferir à obra de Lima Barreto o caráter contemporâneo que ela tem, pois está absolutamente conectada com as questões que convencionamos chamar a partir de Anibal Quijano de "colonialidade"[6], ou seja, as manutenções da "forma escravista"[7], nas relações sociais brasileiras, demonstrando de forma incontestável a ainda determinante

5 Fantinti, Carlos Erivany. O profeta e o escrivão: Estudo sobre Lima Barreto". Hucitec, 1978. p 94.
6 QUIJANO, A. Colonialidade do Poder. In: LANDER, E. (org). Colo- nialidade do Saber. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
7 ODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2023.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20015
Ensaios
Data de publicação: 27 de setembro

presença da raça nas mediações das relações sociais no Brasil. Nenhum dos termos apresentados aqui: apadrinhamento, mobilidade social restrita, branqueamento, degradação ontológica, podem ser considerados menos relevantes na vida da população negra no Brasil, deste século XXI, muito menos extinta, em qualquer que seja a dimensão que as consideremos. Essa continuidade dos processos de subalternização da população negra, que já eram denunciados por Lima Barreto no alvorecer do século XX, certamente conferem a sua obra uma triste e pesada atualidade.

III

É consenso que temas como o tempo, a metafísica religiosa, o amor, a morte sejam concebidos como aqueles que estão diretamente ligados a condição humana, pois estruturam a busca pelo sentido de nossa existência, mediando as relações entre cultura e indivíduo, entre deuses e homens, enfim, são categorias que partindo do espectro de cada cultura buscam comunicar algo de universal à experiência humana. Buscaremos defender de forma concisa que junto com o advento da modernidade a "raça" deve ser alçada a esfera dos temas universais dada sua relevância para a definição de quem é ou não humano.

Essa proposição encontrará certamente algumas objeções, tentaremos adiantar respostas a algumas delas. É possível ouvirmos o seguinte contra-argumento: os signos e sentidos em torno da negritude em obras como "O olho mais azul" de Toni Morrison; "O mundo se despedaça" de Chinua Achebe; ou em "Se a rua bale falasse" de James Baldwin; em "Diário de retorno ao país Natal", de Aimé Césaire, como em "Recordações do Escrivão Isaias Caminha" de Lima Barreto, constituem, com certeza, parte fundamental da experiência negra no mundo, porém eles não alçariam a raça a tema universal por duas questões: as referidas obras não falariam "apenas de raça", mas dialogando com ela, abordariam os temas universais comuns a literatura que forma o cânone ocidental; como consequência disso, não podem ser tomadas como universais já que se restringem a experiência negra, ao redor desses temas, não sendo a raça uma mediadora da experiência de todas as pessoas, como o tempo e o amor.

O primeiro argumento, então, defende que a raça apenas é um pano de fundo que compõe a cena dos romances citados junto aos temas universais que atravessam as obras canônicas em geral, não sendo ela capaz de agenciar uma experiência universal. Esse argumento claudica diante a incontornável centralidade da raça na fundação do mundo moderno e sua inegável continuidade, expressa cotidianamente na presença intensiva e ostensiva do racismo antinegro, da xenofobia generalizada e nos cada vez mais constantes e violentos embates políticos e sociais entorno da imigração, sobretudo, nos Estados Unidos e Europa. Enfim, a raça não só foi fundamento do projeto moderno de sujeito e de Estado, como continua pautando formas de socialização, afeto e política por todo mundo.

Michel Foucault[8] afirma que o sujeito é uma invenção recente, e seu aparecimento ocorre como

8 Foucaut, Michel. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20015
Ensaios
Data de publicação: 27 de setembro

sujeito e objeto do saber. Seu surgimento e da modernidade são imbricados num mesmo gesto de criação: um mundo que abandonasse sua narrativa metafísica e seu destino divino, deveria ser guiado por um homem que fosse ele mesmo o criador desse mundo. Esse *fiat lux* moderno é disparado durante a expansão ultramarina europeia que funda a colonização de grande parte do mundo. Em suma, esse encontro com o não-europeu foi mediado na cultura europeia pelo funcionamento que Suely Carneiro chamou de "dispositivo de racialidade"[9], a saber: a instauração de uma "divisão ontológica uma vez que a afirmação do ser das pessoas brancas se dá pela negação do ser das pessoas negras". Aquilo que se convencionou chamar de "sujeito moderno" é uma construção baseada na racialidade como fundamento do ser.

Assim é com a outra invenção definidora da modernidade euro-ocidental, o Estado. É ainda Foucault quem vai dizer que essa instituição precisa do racismo para operar as estruturas do biopoder, pois seria ele o instrumento pelo qual a função assassina do Estado se tornaria aceita[10]. O critério de distribuição do direito a vida, ao pertencimento étnico, as políticas públicas, é, então, racial. Não é outro o motivo pelo qual a certa altura da narrativa o leitor entende que não importa o que Isaias Caminha faça, ele não vai integrar a sociedade liberal, o Estado, a modernidade ou a cidadania, como indivíduo autônomo. E é por isso também que o suicídio o sonda, o ronda como uma sombra traiçoeira a cada nova derrota, a cada novo fracasso, por que ele passa a compreender que não há porta de entrada para a integração na sociedade de classes, nem trânsito nem mobilidade possível: "E veio vagarosamente até uma das portas da rua, enquanto eu saia literalmente esmagado. Naquela recusa do padeiro em me admitir, eu descobria uma espécie de sítio posto à minha vida". O que o narrador do romance não para de nos mostrar é que não há espaço de cidadania para uma pessoa negra na modernidade.

Desse modo, diante do caráter central da raça naquilo que chamamos de projeto de modernidade europeia, é absolutamente incongruente que continuemos negando o caráter universal da experiência racial. Isso certamente tem a ver na sequência de nossa conversa, com a citada ideia de que, a abordagem da raça nos romances negros diz respeito apenas às pessoas negras. Como se as pessoas brancas não tivessem racialidade. Não nos demoraremos nesse argumento pois há hoje um debate importante traçado por intelectuais como Cida Bento, Lia Vainer Schuman e Lourenço Cardoso, que dá caminho aos que se propuserem a adentrar essa questão de forma mais profunda.

Apenas para efeito do argumento deste texto é necessário frisar a importância decisiva que o racismo tem na constituição do *self* da pessoa branca. Vários teóricos têm apontado esse aspecto partindo de lugares diferentes, mas chegando sempre a mesma conclusão. Susan Buck-Morss em seu "Hegel e o

9 Carneiro, Sueli. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser, como fundamento do ser. Rio de Janeiro. Zahar, 2023. p.13
10 Michel, Foucault. É preciso defender a sociedade: curso do Colégio de França (1975-1976). Carnaxide: Livros do Brasil, 2006.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20015
Ensaios
Data de publicação: 27 de setembro

Haiti", expõe a conhecida contradição entre a filosofia política de matriz iluminista e a prática política que marca o desenvolvimento do liberalismo e do capitalismo em esfera global. A dissonância é marcada pelos ideais de liberdade conviverem harmoniosamente com a escravização de pessoas negras nas colônias europeias. A autora apresenta a dimensão absurda do silêncio dos filósofos e pensadores da época, quanto a questão, mostrando a interpretação da parábola hegeliana do senhor e do escravo, como ápice dessa dissimulação, uma vez que os intelectuais contemporâneos e os intérpretes de Hegel, fingiam não conhecer o fato de que a parábola havia sido elaborada a partir da autolibertação do povo haitiano, que conseguiu através da luta armada livrar-se da escravização.

Em sua leitura da parábola de Hegel, Buck-Morss, desenvolve seu argumento mostrando que a interpretação inicial de que o Senhor deveria ser compreendido como um ser-para-si, e o escravo como um ser-para-o-outro, marcando de um lado a essência e autonomia de um, e a dependência de reconhecimento e a subordinação do outro, deve ser abandonada, pois a medida que a dialética avança compreendemos logo que "a dominação aparente do senhor se reverte, com a consciência de que é totalmente dependente do escravo",[11]. Se essa dependência pode ser explicada com bases econômicas e políticas, já que o senhor não podia sustentar e manter sua própria riqueza sem o sistema escravista, contemporaneamente esse processo se complexifica ainda mais.

Para Saidiya V. Hartman "O escravo é o objeto ou terreno que torna possível a existência do sujeito burguês e, por negação ou contradistinção, que define a liberdade, a cidadania e os limites do corpo social".[12] Nesses termos o sujeito negro não é apenas sustentáculo econômico do homem branco, ele é também quem define por contradição sua subjetividade e suas formas de sociabilidade. Ou seja, toda existência da pessoa branca é sitiada e situada dentro do espectro da raça. A diferença é que para a pessoa branca a raça adiciona sempre um valor de neutralidade e superioridade, conferindo a ela um status de humano, enquanto para a pessoa negra, a raça é no projeto moderno uma subtração e um rebaixamento ontológico, que a subtrai do próprio quadro do humano.

Nesse contexto, o argumento de que a raça não pode ser considerada como um universal temático dentro das literaturas ocidentais, pois diria respeito apenas a uma parte da humanidade é absolutamente inócuo, à medida que como vem demonstrando diversos teóricos, do Afropessimismo e do Pensamento negro radical, a pessoa branca constitui sua subjetividade a partir de dispositivos de fechamento e oposição, como nos diz Sueli Carneiro, quando se refere ao contrato racial que sustenta a sociabilidade e subjetividade branca "A especificidade do contrato racial consistiria no fato de ser um contrato restrito aos racialmente homogêneos, no qual a violência racial em relação aos realmente diferentes é um elemento de sustentação do próprio contrato".[13]

11 Buck-Morss, Susan. Hegel e o Haiti. São Paulo. N-1 Edições. p. 86.
12 Hartman, Saidiya. Scenes of subjection: terror, slavery, and Self-Making in Nineteeth-Century America. Nova York: Oxford University Press, 1997. p 62
13 Carneiro, Sueli.Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser, como fundamento do ser. Rio de Janeiro.Zahar, 2023.p35

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20015
Ensaios
Data de publicação: 27 de setembro

Não é outro o enredo no qual se vê atrelado Isaias Caminha, cercado e encarcerado no "pacto narcísico da branquitude",[14] sem espaço para produzir não apenas sua vida material, mas também sua experiência subjetiva de ser humano, tem que distanciar-se de seus sonhos e desejos, abdicar dos valores que o constituiu, e negar o valor que depositara em si mesmo, para sobreviver a margem e a sombra da concessão da elite colonial/burguesa. Nesse contexto, o fato de continuar escrevendo o livro mesmo causando-lhe tanta dor e angustia, é uma tentativa de redenção, um modo de buscar, pela literatura, reconectar-se com o próprio desejo, e restabelecer, mesmo de forma tardia e menos potente, suas aspirações de juventude e sua vontade de transformação e insubordinação social.

O fato de defendermos a abordagem da raça e ou do racismo como um tema literário que dialoga com uma pretensa experiência universal, não aspira duplicar o modelo de uma universalidade homogênea que caracteriza, via de regra, os paradigmas epistêmicos de matriz europeia. Em diversas gnoses negras "Só existe universal enquanto comunidade de singularidades e diferenças."[15] Dessa forma, 'universal' não deve ser compreendido aqui como a duplicação de um padrão que carrega em si uma valoração absoluta e superior, mas um funcionamento ético em que cada singularidade tem o mesmo valor de compartilhamento e troca. A importância de compreendermos a universalidade da temática racial, reside no fato de ela instaurar uma rasura contundente no campo da significação do sujeito negro, à medida que o reconhecimento da universalidade da experiência racial carrega consigo o pressuposto de humanidade. Assim, aquilo que subtraia da pessoa negra subjetividade, passa a compor as relações culturais e sociais que compõe a humanidade em geral, logo também, a sua.

É essa compreensão que nos fará enxergar que a angústia, o mal-estar, o sofrimento e o desejo suicida que atravessam o personagem Isaias Caminha, não são experiências exclusivamente negras, mas humanas, no sentido em que mesmo sendo vivenciadas pelas pessoas negras, derivam de um processo de racialização de todas as esferas da vida individual e coletiva, afetiva e política, econômica e mística.

IV

O último aspecto no qual buscaremos expressar a atualidade da obra de Lima Barreto é a tensão e reinvenção com a forma romance. Alguns críticos[16] da obra do autor discutiram esse aspecto de sua literatura. Esses autores normalmente convergem na ideia de que restringir a leitura de *Recordações do escrivão Isaias Caminha*, a dimensão autobiográfica que se empenha na denúncia das estruturas sociais e racistas de nossa sociedade é mitigar o potencial crítico e criativo da narrativa.

Em que pese o fato do Romance ser considerado pela teoria da literatura como um gênero caracterizado pela crise, esses autores defendem que "*Recordações...*" além de dialogar com as reinvenções

14 Bento, Cida. O pacto narcisiso da Branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
15 Mbembe, Achille. Crítica da razão negra. Lisboa: Antigona, 2014. p 265
16 Carlos Erivany Fantinati; Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, Osman Lins e Luiz Silva (Cuti).

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20015
Ensaios
Data de publicação: 27 de setembro

modernas pelas quais passava o gênero aquela altura, traz contribuições particulares para essa crise. Para Carmem Lúcia Figueiredo o drama de Isaias Caminha deve ser pensado com uma crítica a forma romance que se relacionava a uma crise do sujeito, moderno. Um dos aspectos centrais dessa dupla crise é a fragmentação correlata de um e de outro, que a autora demonstra com a tripartição temporal imposta ao romance pelo prefácio. O primeiro tempo é o presente da publicação, o segundo tempo é de um segundo texto de apresentação escrito onze anos antes que o primeiro, e o terceiro tempo é o passado do protagonista. No desenvolvimento de seu argumento, a autora apresenta ainda a ideia de um rompimento com uma dimensão triunfante da vida de Isaias Caminha, e ambos aspectos: a quebra da causalidade e sua consequente não-linearidade, junto a negação da dimensão heroica, caracterizavam, para ela, um rompimento com o modelo de narrativa realista.

Outra característica central da fratura da forma romance em *"Recordações..."* é a perda da sua dimensão épica, para Figueiredo ela se explica porque "a interiorização retira do tempo presente sua importância como princípio formal", mas é, em nossa opinião, Luiz Silva, Cuti, quem melhor entende a ausência de ação, nos protagonistas de Lima Barreto, afirmando que elas decorrem da "imobilidade social asfixiante"[17]. A ausência de perspectiva épica para Cuti, significa a impossibilidade de transformação social, exatamente como acontece com *Isaias Caminha*, sobretudo se lembrarmos que sua ascensão foi controlada e mediada por favores e acordos tácitos de subserviência, e não pelo resultado prático de suas ações e qualidades.

É ainda Cuti, quem nos chama atenção para o fato de que "A controvérsia dos gêneros literários encontrou na obra de Lima Barreto uma problematização profunda".[18] O crítico nos chama atenção para o fato de que, o autor de *"Recordações.."* estava conectado com os então vigentes debates sobre a não-pureza dos gêneros literários, marcando posição teórica quanto a sua necessária mistura: "nós não temos mais tempo nem o péssimo critério de fixar rígidos gêneros literários, à moda dos retóricos clássicos". Porém, dialogando com Osmam Lins, Cuti argumenta sobre o fato de Barreto ter extrapolado a perspectiva de mistura dos gêneros literários, passando a compor suas obras em um diálogo intenso com gêneros não-literários, como o ensaio e o documento.

Um aspecto central do argumento de Cuti é que em sua tecitura podemos compreender como as escolhas formais e insubordinações estéticas operadas por Lima Barreto na estrutura romance, aqui apenas sinalizadas brevemente, estão relacionadas a experiência negra na modernidade. Logo o anti-heroísmo, a ausência de ação e perda da dimensão épica estão imbricadas na imobilidade social do negro na sociedade daquela época, e remetem a um afeto de asfixia e encarceramento que Isaias Caminha não deixa de expressar nem quando emerge socialmente. É nessa lógica que podemos compreender também os acavalamentos de tempos narrativos assinalado por Figueiredo, já que conforme pontua

17 Figueiredo, Carmem Lúcia Negreiros de. Lima Barreto e o Romance: crítica e crise. In Teresa: Revista de literatura brasileira [14]. São Paulo, 2014. p 141-166.

18 Cuti. Lima Barreto. Selo Negro, 2011. P 43.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20015
Ensaios
Data de publicação: 27 de setembro

Mbembe, no romance negro o tempo não é registrado como uma "sucessão de instantes", pois, "ele nasce da relação contingente, ambígua e contraditória que temos com as coisas, com o mundo e até com o corpo e seus duplos"[19].

Não é outra a experiência de Isaias Caminha, atravessado por uma angustia alucinante, e pela contradição entre a realidade social e seu desejo, e preso a uma vida contingente, sem tempo, sem futuro, sem perspectiva nem planejamento possível, enredado em uma ambiguidade social neurótica, entre o acolhimento parcial e a repulsa total, e na duplicidade de um corpo que lhe confere ao mesmo tempo um lugar entre os homens, mas um lugar não plenamente humano. Produzido subjetivamente por e nessa conjuntura sem coerência, expressa a subjetividade fragmentária por meio de um tempo fragmentado, como resultado da experiência negra na modernidade euro-ocidental, da qual derivam formas específicas de expressão no romance negro.

Esses aspectos são reinvenções formais importantes dentro do romance barretiano, que entre outras rasuras, viriam a compor o quadro de ruptura do primeiro modernismo paulista, ou melhor, remixando uma fala de Cuti, são transgressões que "A semana de arte moderna veio a confirmar", tanto nas narrativas fragmentárias de Oswald de Andrade e sua mistura de gêneros, quanto na fragmentação temporal do *Macunaíma* de Mario de Andrade, por exemplo.

V

O que especulamos ao longo desse ensaio foi a possibilidade de compreender a longevidade, vitalidade e atualidade assustadora da obra de Lima Barreto por outras chaves interpretativas além da continuidade temática que o racismo brasileiro confere a sua literatura. Pensar as três dimensões da atualidade da textualidade barretiana não almeja estabelecer nenhuma relação hierárquica entre elas, muito pelo contrário busca mostrar suas relações imbricadas de significação e derivação.

O importante é relembrar como a produção literária de Lima Barreto e negra, de modo geral, não pode ser compreendida pela chave isolada da resistência, do documento ou da denúncia sem que perdamos a força plástica de suas reinvenções estéticas que permitiram a arte negra transformar-se num caminho de reconstrução subjetiva, histórica e ontológica, da população negra na afrodiáspora. Ou seja, trata-se de "reconhecer a função gnosiológica da arte",[20] também quando ela expressa a experiência negra.

A eterna contemporaneidade da literatura de Lima Barreto se sustenta, então, no que ela diz, e na forma como diz, e no fato de ela comunicar uma experiência negra da modernidade brasileira, que aponta as fissuras, rachaduras e fraquezas desse projeto, deixando que escorra no silêncio dos personagens e do protagonista, que a estrutura racista do projeto moderno, necessariamente impede

19 Mbembe, Achille. Crítica da razão negra. Lisboa: Antigona, 2014. p 208
20 PINHO, Osmundo. O Círculo da morte e o Materialismo estético. In: FLAUZINA, A.; VARGAS, J. Motim: horizontes do genocídio anti- negro na diáspora. Brasília: Brado Negro, 2017.p. 188.

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.20015
Ensaios
Data de publicação: 27 de setembro

que ele seja democrático e comunitário. É a partir da escuta da experiência racial que um devir negro do mundo poderá operar formas de universalidade que sejam alicerçadas por uma ética da diferença, e um respeito à alteridade, confluindo[21], quem sabe, um dia, não para um destino e tempo comuns, mas para um sentido comum, onde o compartilhamento do território, como espaço da multiplicidade cultural e humana, seja um ponto de partida.

Conversas:

Augusto, Jorge. *"Modernismo negro: a literatura de Lima Barreto"*. Salvador: Segundo Selo, 2024.

Bento, Cida. *O pacto narcisiso da Branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Buck-Morss, Susan. *Hegel e o Haiti*. São Paulo. N-1 Edições. p. 86.

Carneiro, Sueli. *Dispositivo de racialidade*: a construção do outro como não ser, como fundamento do ser. Rio de Janeiro. Zahar, 2023.

Cuti. *Lima Barreto*. Selo Negro, 2011.

Fantinti, Carlos Erivany. *O profeta e o escrivão*: Estudo sobre Lima Barreto". Hucitec, 1978.

Figueiredo, Carmem Lúcia Negreiros de. Lima Barreto e o Romance: crítica e crise. In *Teresa: Revista de literatura brasileira* [14]. São Paulo, 2014. p 141-166.

Foucault, Michel. *É preciso defender a sociedade*: curso do Colégio de França (1975-1976). Carnaxide: Livros do Brasil, 2006.

Foucaut, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

Hartman, Saidiya. *Scenes of subjection: terror, slavery, and Self-Making in Nineteeth-Century America*. Nova York: Oxford University Press, 1997.

Mbembe, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antigona, 2014.

PIGNATARI, Décio. CAMPOS, Augusto. CAMPOS, Haroldo. *Teoria da poesia concreta*. Cotia, São Paulo. Ateliê Editorial, 2006.

PINHO, Osmundo. O Círculo da morte e o Materialismo estético. In: FLAUZINA, A.; VARGAS, J. *Motim: horizontes do genocídio anti- negro na diáspora*. Brasília: Brado Negro, 2017.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder. In: LANDER, E. (org). *Colo- nialidade do Saber*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SCHWARCZ, L. M. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

SODRÉ, Muniz. *O fascismo da cor*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2023.

21 O termo remete aqui a elaboração teórica feita por Nego Bispo.